

ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO ON-LINE SOBRE SUJEITOS HOMOSSEXUAIS E OS ESPAÇOS NA/DA CIDADE: UM PERCURSO DE PESQUISA

Alexandre da Silva Zanella

Orientadora: Vanise Medeiros

Co-orientadora: Lucília Maria Abrahão e Sousa

Teses recentes

RESUMO: Neste trabalho, dou a saber de um percurso de pesquisa de doutorado na qual investiguei, com o suporte teórico da Análise de Discurso (Pêcheux, Orlandi), os funcionamentos do discurso sobre os espaços ditos como destinados a homossexuais em portais de notícias on-line brasileiros. Irei apresentar uma reflexão acerca dos espaços na/da cidade para pensar os espaços denominados *gay-friendly*, termo que tem comparecido com regularidade no discurso jornalístico em relação aos sujeitos homossexuais. Debruçando-me sobre este significante em notícias de portais de notícias e trabalhando seus sentidos dicionarizados, adentro em eixos de análise – sobre efeitos de comportamento, de segurança, de consumo e de segregação –, levando em consideração o espaço em como ele é significado pelo discurso jornalístico em duas formações discursivas: uma de matriz neoliberal e conservadora, com a qual se filiam dois portais de notícias on-line (*Gl e Terra*); e outra de matriz progressista, na qual três outros portais de notícias se filiam (*Carta Capital, Carta Maior e Rede Brasil Atual*). O trabalho teórico e metodológico que se apresenta lança mão de uma memória sobre a homossexualidade para compreender efeitos de sentidos em relação ao sujeito homossexual e ao espaço urbano no qual ele é inscrito, uma vez que, da posição teórica da Análise de Discurso, fala-se sempre a partir de uma posição ideológica. O percurso analítico trabalha esses efeitos de sentidos, observando regularidades e deslocamentos no discurso dos portais de notícias, a fim de compreender como dizer do espaço para o sujeito é dizer também, ao mesmo tempo, do sujeito; um duplo caminho de constituição. Uma questão trabalhada é a de que o espaço na/da cidade para os sujeitos homossexuais é capturado, no discurso jornalístico, pela via do mercado, o que se comprova, por meio das análises, nos modos

como aquele espaço urbano é afetado por uma memória de gueto que se desdobra, em sustentações de sentidos, mas também em apagamentos, falhas e rupturas.

PALAVRAS-CHAVE: discurso jornalístico (on-line); homossexualidade; *gay-friendly*; espaço.

Em nossa pesquisa de doutorado, vinculada ao campo teórico da Análise de Discurso de orientação francesa, tal como desenvolvida por Pêcheux, na França, e desdobrada no Brasil por Eni Orlandi, tivemos como objetivo central investigar funcionamentos do discurso sobre os espaços ditos como destinados a homossexuais em portais de notícias on-line brasileiros.

Nossa reflexão fala dos espaços *na* e *da* cidade para pensar os espaços denominados *gay-friendly*. Nos debruçamos, portanto, sobre este significante para adentrar em eixos discursivos de análise depreendidos de nossos gestos de leitura: efeitos de comportamento, de segurança, de consumo, dos quais um outro eixo em relação ao gueto se desdobra, sempre tendo no horizonte a questão do espaço em como ele é significado pelo discurso jornalístico on-line em duas formações discursivas: uma de matriz neoliberal, com a qual se filiam dois portais de notícias nos quais assentamos nossa pesquisa: *GI*, do Grupo Globo, e *Terra*, pertencente ao grupo Telefônica de Espanha; e outra de matriz progressista, na qual três outros portais de notícias se filiam: *Carta Capital*, *Carta Maior* e *Rede Brasil Atual*. O vínculo empresarial ou organizacional destes três últimos portais se dá numa posição antagônica à do primeiro conjunto.

Além disso, em nosso trabalho, lançamos mão de uma memória sobre a homossexualidade para compreender os efeitos de sentidos em relação aos sujeitos homossexuais que são inscritos no espaço urbano, uma vez que, conforme Pêcheux ([1975] 2009), fala-se sempre a partir de uma posição ideológica. Para dizer de outra forma, nosso percurso analítico trabalhou efeitos de sentidos inscritos na história, isto é, sentidos ideologicamente determinados, observando regularidades e deslocamentos no discurso dos portais de notícias on-line, a fim de compreender como dizer do espaço do e para o sujeito é dizer também, ao mesmo tempo, do sujeito; uma via dupla de constituição.

Para situar nossa pesquisa e fundamentar os nossos critérios de análise, fizemos um percurso pela historicidade dos dizeres sobre o sexo e sobre a (homo)sexualidade, a fim de observar, sobretudo com Foucault ([1976] 2015), como a sexualidade vai

historicamente se desdobrando em regulações, classificações e, também, ressignificações [não vou nem entrar no mérito da recente proposta de “reorientação sexual” – cura gay]. É por meio do discurso, entendido como efeitos de sentidos para e por sujeitos, que os homossexuais vão sendo ditos, e isto, no movimento dos sentidos, significa ser dito pela medicina, pela psicologia, pela religião, pelo jurídico. E também pela mídia.

Se, em nossos dias, o homossexual é sujeito que diz, isto é, que pode ter voz na mídia, nossa análise observou que ser sujeito homossexual é também regularmente *ser dito*. Daí igualmente justificamos termos tido como um de nossos objetivos observar de que modos a discursividade sobre os sujeitos homossexuais no espaço da cidade comparece.

Em Análise de Discurso, o dispositivo de análise não se dá aprioristicamente, mas é construído à medida que o *corpus* reclama sentidos que o analista, a partir de sua posição de sujeito, observa e compreende de acordo com seus objetivos. Porque trabalhamos com o discurso jornalístico on-line, mostrou-se necessário traçar uma discussão entre este e o discurso jornalístico impresso, a fim de observar aproximações e distanciamentos entre este e o primeiro. Por meio deste investimento teórico, chegamos à posição de que o on-line funciona como desdobramento do impresso, com uma memória da prática jornalística que se inscreve num outro suporte, tal como os portais de notícias. Assim colocado, pudemos abordar como se diz, no on-line, do sujeito homossexual, ou seja, como ele (ainda) é posto como *algo a ser dito* na mídia, sinalizando para os efeitos de sentidos que se produzem sobre este sujeito.

Feitas estas formulações, passamos à construção do *corpus*, a partir de recortes que já partem de gestos de leitura e de questões a respeito de uma materialidade significativa, tal como o discurso sobre os espaços ditos como destinados a sujeitos homossexuais nos portais de notícias on-line brasileiros. Essa posição teórica nos forneceu critérios que utilizamos para as análises: dentre outros, portais de notícias que se inscrevem em formações discursivas distintas – como já dissemos, uma, neoliberal; outra, progressista; eixos discursivos de análises baseados em regularidades e deslocamentos; materialização de um determinado significativo.

Avançamos, a partir daí, para o trabalho com noções caras à Análise de Discurso. A de condições de produção, tal como proposta por Pêcheux ([1975] 2009) e retomada por Courtine ([1981] 2009), nos permitiu observar a inquietação que o campo da AD presentifica ao recobrar o ideológico que atravessa a produção de sentidos. É porque

trabalhamos *a partir das* condições de produção que podemos compreender como os sentidos não são unívocos ou fechados, mas construídos na história e sempre à deriva, podendo tornarem-se outros. E sempre pela via do sujeito. Pêcheux ([1975] 2009) diz: *não há língua sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.*

Em nosso trabalho, mostramos que o sujeito é construído ao mesmo tempo em que o sentido, visto que ambos se fazem sempre em relação ao significante que os constitui. E há o atravessamento da ideologia que irá determinar como um significante *faz sentido* (e não faz outros) para um sujeito. O que não significa que o sujeito tenha consciência desse atravessamento ideológico ou da divisão do inconsciente; ele é tocado pelas evidências dos sentidos porque *esquece* que aqueles elementos o constituem e constituem o que diz.

Desse modo, uma elaboração sobre a noção de significante se fez necessária, a fim de transitar entre as formas como ele foi teorizado ao longo da história (da linguagem), e assumirmos a posição da Análise de Discurso, que, nesse ponto, está em consonância com a da Psicanálise lacaniana.

Para além das formulações teóricas que apresentamos, nos dedicamos aos discursos sobre os sujeitos homossexuais e sobre a homossexualidade, incidindo enfaticamente sobre a questão do identitário. Para tanto, transitamos de uma noção de identidade entendida como algo fechado, acabado, realizável, efeito da forma-sujeito histórica capitalista, para a de identificação, considerando-se aí o processo pelo qual o sujeito pode, ou não, filiar-se numa determinada formação discursiva. E, conforme nossa reflexão, não se trata de uma escolha por uma ou outra identidade; tampouco, de uma construção de identidade. Trabalhamos com a noção de identitário na qual o sujeito, sempre posto em relação, identifica-se em movimento, como aprendemos com Orlandi (1998), sem nunca alcançar um ponto final no qual uma sua identidade estaria formada, acabada.

Pudemos avançar, ainda, em relação a sentidos circulantes a respeito da homossexualidade para questionar o que é posto como evidência. Nesse sentido, as contribuições de Eribon (2008) nos foram fundamentais para podermos ver como os sentidos vão se sedimentando, produzindo memória e, ao mesmo tempo, permitindo deslocamentos. Isto nos possibilitou considerar o sujeito homossexual em como ele é falado na/pela mídia; sobre ele, comparecem sentidos de fuga, de rota, de agrupamento,

de uma organização no espaço urbano. Foi deste modo que pudemos chegar à questão do gueto em relação aos sujeitos homossexuais.

Após nos dedicarmos à memória sobre os sujeitos homossexuais e sobre a homossexualidade, incluído aí o identitário, investimos nas análises dos dizeres dos portais de notícias on-line a respeito dos espaços na e da cidade ditos como destinados a sujeitos homossexuais. Para tanto, foi preciso estabelecer o que entendemos por cidade, isto é, em consonância com Orlandi, a cidade como: **lugar simbólico**, pensando **o espaço em que [...] sujeitos se significam**, em condições de produção e em uma relação de memória particular, aquela que se especifica no **espaço público urbano** (ORLANDI, 2003, p. 21, negritos nossos).

Ou seja, a cidade se desenha e se mapeia dentro de condições de produção específicas.

Para avançar, como trabalhamos com o significante pivô *gay-friendly*, tivemos de nos dedicar também às marcas linguísticas que o acompanha no discurso jornalístico – aspas, parênteses, apostos – que nos permitiram observar níveis de enunciação no discurso. Baseados em Authier-Revuz ([1982] 2004; 1990), pudemos compreender como estas marcas colocam o dizer à distância, ao mesmo tempo em que trabalham efeitos de controle e de saturação dos sentidos, algo que se preza no discurso jornalístico.

A partir daí, passamos a um investimento analítico sobre os significantes ‘*gay*’ e ‘*friendly*’, no qual nos valem de discursos dos dicionários para buscar compreender alguns sentidos postos historicamente, e para investigar como, pela justaposição desses significantes, a denominação ‘*gay-friendly*’ comparece nos portais de notícias em relação aos espaços para sujeitos homossexuais na cidade. Um desenvolvimento importante se deu no que concerne aos modos como uma denominação em língua estrangeira de um espaço na cidade ganha corpo no Brasil à medida que é materializada, repetidamente, pela mídia, salientando um determinado significante – ‘*gay-friendly*’ – ao mesmo tempo em que se apagam outros, como ‘gueto’ e ‘GLS’. Em suma, o nome do espaço é capturado no e pelo discurso jornalístico on-line. Mesmo que seja para do nome se distanciar, como encontramos na posição ideológica dos portais alternativos em relação aos das grandes corporações midiáticas.

Os pontos colocados em relação ao espaço urbano, ao significante ‘*gay-friendly*’ e às marcas linguísticas articularam nosso modo de entrada nos eixos de análises, à medida que nos permitiram compreender alguns funcionamentos discursivos sobre os

espaços ditos como destinados a sujeitos homossexuais no discurso jornalístico. Passamos então ao primeiro eixo, que diz dos efeitos de comportamento, em sendo sujeito homossexual, que se inscrevem nos portais de notícias.

Por meio das análises das sequências discursivas nesta seção, pudemos depreender que, ao dizer dos espaços *gay-friendly*, dizia-se de um *dever fazer* e de um *dever se comportar*, bem como de um *não dever fazer* e de um *não dever se comportar*. Ou seja, dizia-se de um dever consumir, visitar, frequentar de modos específicos, traçando um perfil dos sujeitos homossexuais, homogeneizando-os, como nos portais *GI* e *Terra*. Nestes portais, os espaços na/da cidade para homossexuais são postos como evidência: existem e devem ser frequentados, sendo esta uma tônica em relação ao comportamento dos sujeitos homossexuais. A partir da posição que ocupam, filiados a uma formação discursiva neoliberal, não cabe problematizar a existência desses espaços na cidade. Mas, no movimento dos sentidos, os efeitos de comportamento dos sujeitos homossexuais são também significados de outros modos, como no portal *Rede Brasil Atual*. Neste, acena-se para como os espaços presumidos como *friendly* são permeados por sentidos de violência, de insegurança, de ódio. A fim de demonstrarmos parte disto, trazemos a seguinte sequência discursiva:

*SD5: Em 2012, ao trocar beijos com um rapaz em uma lanchonete em frente ao Centro Cultural Vergueiro, **supostamente um território gay-friendly**, Marcelo [Hailer, jornalista, 33 anos] foi expulso. (Rede Brasil Atual, 13 jun. 2015, negritos nossos).*

Dizer de uma expulsão num espaço supostamente *gay-friendly*, que deveria ser “amigável”, faz furar os sentidos postos na outra formação discursiva, deslocando-os. Vimos, deste modo, que o portal *Rede Brasil Atual* não parafraseia os sentidos de um *dever fazer*, de um *dever frequentar*, encontrados em *GI* e *Terra*, ainda que fale também de sentidos em relação a comportamento dos sujeitos homossexuais nos espaços urbanos.

No segundo eixo que depreendemos para análise, ocupamo-nos dos sentidos em relação à segurança. Nas sequências discursivas dos portais das grandes corporações de mídia, observamos que dizer dos espaços *gay-friendly* – onde os sujeitos homossexuais supostamente estariam em segurança, isto é, não estariam à mercê da violência, da aversão, do preconceito (sentidos estes produzidos no não-dito) –, era dizer sobre espaços de consumo – hotéis, companhias aéreas, passeios (SD7) –, atravessados, espaços e

dizeres, pelo discurso do mercado, mas também comparecendo aí efeitos de um dever – e não-dever – se comportar. No entanto, a partir de sequências do portal *Rede Brasil Atual* vimos como, no embate entre formações discursivas, os sentidos de segurança não se sustentam, uma vez que, no discurso deste portal, observa-se que mesmo nos espaços *gay-friendly* há violência. No discurso de *Rede Brasil Atual*, contradiz-se o dito dos portais *GI* e *Terra*, porque se fala de uma interdição dos sujeitos homossexuais em um espaço onde deveriam ter sua prática subjetiva assegurada.

Nos dois eixos discursivos de que tratamos anteriormente, vimos como o discurso do consumo comparecia repetidamente, atravessando os dizeres. No terceiro eixo nos dedicamos, por conseguinte, à questão do mercado, a qual, segundo nosso gesto analítico, determina os efeitos de sentidos de comportamento e de segurança. Pudemos depreender que os sujeitos homossexuais comparecem no discurso jornalístico, no tocante ao nosso objeto, lá onde consomem: É o mercado que assegura os espaços onde os homossexuais podem e devem estar, onde podem ter segurança, onde devem se refugiar e, claro, onde devem consumir. São estes elementos que compõem o cenário no qual os sujeitos homossexuais estão seguros. Além disso, não se trata de todo e qualquer homossexual, mas daquele que atende a um perfil: é masculino, jovem, com poder de consumo, escolarizado, dentre outras inscrições.

A partir do que nosso *corpus* nos colocava como questão, algo que se mostrou com as análises foi uma regularidade em relação ao espaço urbano no que diz respeito aos sujeitos homossexuais: o do espaço restringido. Aliás, o do barramento do sujeito numa formação social. Aqui (re)encontramos o gueto. No que concerne aos homossexuais, vimos como o gueto gay, uma vez significado não só como espaço de degradação, pobreza, abandono, “males urbanos”, mas também como espaço de libertação e proteção, foi historicamente sendo significado igualmente como espaço de lazer e de consumo, algo que não comparece de um modo geral na memória sobre esse espaço urbano (por exemplo: em relação aos guetos negros nos EUA). A captura do gueto pelo mercado marca uma diferença, portanto, na sociabilidade homossexual e na forma de significar o espaço. Apaga-se o *gay ghetto* dando lugar ao *gay-friendly*. É este significante que em nossa contemporaneidade comparece em relação aos espaços (para) homossexuais. O mercado que vai determinando quais são esses espaços (para) homossexuais é o que vai *fazendo a fronteira* onde esses sujeitos podem e devem estar, significando esses espaços, consoante nossas análises, como amigáveis, simpatizantes,

com bom tratamento. Espaços onde há consumo, o que significa, ao mesmo tempo, onde não há pobreza.

Mas o espectro do gueto não cessa de retornar. Como também vimos, se os sentidos produzidos dizem do mercado que salvaguarda os sujeitos, por outro lado, sentidos de violência, de preconceito, de aversão, também comparecem fazendo furo num dizer apenas aparentemente estável.

A questão inicial, de que o espaço na/da cidade para os sujeitos homossexuais é capturado, no discurso jornalístico, pela via do mercado, se comprovou por meio de nosso investimento analítico. Mas nos levou a um caminho outro nos meandros da cidade: o dos modos como o espaço urbano é afetado por uma memória de gueto que se desdobra, em sustentações de sentidos, mas também em apagamentos, em falhas e em rupturas.

Seguindo nosso percurso, observamos ainda como os portais de notícias on-line *Carta Capital* e *Carta Maior* apresentam funcionamentos que se distinguem daqueles encontrados nos portais das grandes corporações midiáticas, sobretudo por colocarem a denominação *gay-friendly* em uma outra posição que permite deslocamentos de sentidos. É o caso, por exemplo, do uso da citação, que supostamente isentaria o portal de notícias de um dizer, já que produz o efeito de que é próprio do outro, isto é, o de que o outro falaria com sua própria voz no portal.

Em suma, nossas análises mostraram como a presença do significante *gay-friendly* comparece com maior força – em número de materializações e repetições – nos portais das grandes corporações, *GI* e *Terra*. Por outro lado, nos portais alternativos – *Carta Capital*, *Carta Maior* e *Rede Brasil Atual* – a presença do significante, além de ser menor (em número de materializações), é posta regularmente (ainda que algo escape) a partir de uma posição que questiona o sentido hegemônico de *gay-friendly* ao trabalhar a sua historicidade, ao marcar distância no nível enunciativo.

Precisamos dizer ainda, já à guisa de conclusão, que o trabalho em Análise de Discurso não se fecha nem se esgota. Mas desejamos, com nossas inquietações que nos levaram às análises, ter proposto uma reflexão acerca dos dizeres midiáticos sobre o sujeito homossexual e os espaços na e da cidade, tendo como desejo final que este trabalho contribua para que se critique *a afirmação do óbvio* em relação à homossexualidade.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1982). *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Trad. Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Trad. Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

COURTINE, Jean-Jacques. (1981). *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

FOUCAULT, M. (1976). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ORLANDI, E. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998.

_____. (org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. Poli2êmico. In: _____. (org.). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.

_____. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. (1982). Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2010.

_____. (1983a). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.